

CONTOS

Machado de Assis

Missa do Galo

O conto possui o foco narrativo em primeira pessoa, isto é, o narrador é também personagem da trama.

Trata-se de um conto retrospectivo, pois o narrador, Sr. Nogueira já adulto, relata um acontecimento de seu passado.

A montagem da trama faz-se assim: o Sr. Nogueira, então com 17 anos, morava na casa do escrivão Meneses, para estudar. Naquele ano, prolongou sua estada na Corte (RJ) a fim de assistir à Missa do Galo, apesar de as férias já terem começado.

O escrivão Meneses, apesar de ser casado com Conceição, uma "santa" segundo o narrador, mantinha um caso extraconjugal com uma mulher separada do marido. Na casa, todos sabiam, inclusive sua esposa. Uma vez por semana, Meneses encontrava-se com a amante. A noite de Natal foi uma dessas ocasiões. O adultério declarado do marido de Conceição propicia as condições para que ela própria deseje também prevaricar.

Assim, acontece o encontro premeditado por ela, ao que tudo indica, com o jovem Nogueira, enquanto este, em casa, esperava a hora da Missa do Galo. Ele, por ingenuidade e inexperiência, não chega a captar exatamente as intenções da acomodada, mas traída Conceição. Ela, por sua roupa, seus gestos, suas atitudes, seu andar, suas frases ambíguas parece disposta a seduzir o estudante. No entanto, nenhum envolvimento maior acontece com eles.

No final, o narrador conta que, no ano seguinte, o escrivão Meneses morre de apoplexia. Quanto à Conceição, casou-se logo depois com o escrevente juramentado do marido.

É de se notar, nesse conto, as características mais presentes em Machado de Assis tais como: o tema do adultério e, mais especialmente na personagem Conceição, a análise psicológica e a ambigüidade de comportamento.

A Cartomante

O conto pertence ao livro *Várias Histórias*. Um narrador apresenta ao leitor um diálogo entre "a bela Rita" e o "moço Camilo", no qual a conversa gira em torno de uma visita que a moça fizera a uma cartomante. Camilo desdenha da crença de Rita, que, por sua vez, afirma haver "muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo", o que faz com que o narrador a compare com Shakespeare ("ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar..."). Na seqüência, a narrativa demonstra que se trata de um caso de adultério, com os dois amantes encontrando-se em local secreto e tomando cuidados para não serem descobertos por Vilela, marido de Rita. Só então o narrador interrompe a história e dá a origem dos personagens, esclarecendo que Camilo e Vilela eram amigos de infância. Tendo partido do Rio, Vilela voltava casado com Rita. Camilo ficou

impressionado com a beleza da moça. A amizade entre os três estreitou-se, formando-se, logo a seguir, o triângulo amoroso, comum nas obras de Machado de Assis. A ação volta ao tempo presente, para noticiar a perturbação causada por uma carta anônima recebida por Camilo, na qual ela era destratado e avisado de que todos sabiam do adultério. Camilo afasta-se da casa de Vilela e combina com Rita uma separação temporária, para "esfriar" os acontecimentos. No serviço, recebe um bilhete de Vilela, no qual sua presença é solicitada com urgência na casa do velho amigo. Camilo sai extremamente angustiado, pensando na possibilidade de tudo ter sido descoberto. No caminho, no auge da angústia, decide parar e consultar a cartomante. Impressiona-se com a mulher que lhe adivinha os problemas, a situação. E fica feliz quando ela diz que nada vai acontecer: "Ele (o outro) não sabe de nada". Aliviado, segue alegre em direção à casa de Vilela e Rita. Lá chegando, Vilela manda-o entrar, leva-o a uma sala, onde Rita está morta. De imediato, Vilela mata Camilo com dois tiros. É de se perceber que estão presentes no conto conhecidas características de Machado: o estilo de escrita, com permanente interferência do narrador, a presença temática do adultério. A peculiaridade deste conto é a existência de um final violento, raro na obra machadiana.

Teoria do Medalhão

Este conto pertence ao livro *Papéis Avulsos*. O subtítulo "diálogo" define uma característica do conto: não há narrador. A leitura do texto acontece diretamente a partir de um diálogo entre pai e filho, logo após a saída do último convidado para o aniversário de vinte e um anos do filho. De um modo quase solene, o pai resolve aconselhar o filho sobre o comportamento a se adotado a partir desse momento, vale dizer, a maioridade. Questionado pelo filho sobre qual "ofício" (profissão) deveria seguir, o pai responde: "o de medalhão". E começa a explicar o caminho para ser bem sucedido na vida. A primeira coisa é não ter idéias próprias, devendo sempre manter o corpo ocupado e acompanhado, para evitar que o espírito formule idéias. Claramente, o pai diz ao filho que as livrarias são inconvenientes de serem visitadas, a não ser que seja para "aparecer", comentar o cotidiano ou qualquer outra coisa, ornamentando o discurso com frases feitas, de preferência com citações em latim. Deve-se, segundo o aconselhamento, entender a "difícil arte de pensar o pensado". Ou seja, para alcançar sucesso, o filho deve repetir o que todos já sabem. Os processos modernos e as novas terminologias científicas devem ser conhecidas de cor, mas não devem ser aplicados. O conhecimento delas servirá apenas para impressionar quem ouve. O pai diz ao filho que não vale a pena ir estudar os grandes mestres nos livros: "além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas". O aconselhamento segue mostrando o caminho de um "medalhão": deve-se buscar a publicidade, isto é, o sujeito tem que estar em todas as ocasiões possíveis. Outra dica do pai: "foge a tudo que possa cheirar reflexão, a originalidade". Numa palavra, neste conto, Machado de Assis, com sua ironia característica, expõe a miserável arte de ser medíocre, bajulador, reproduzidor de idéias prontas e, com isso tudo, virar um perfeito "medalhão", não importando a profissão.

Um Homem Célebre

"Um Homem Célebre" é um dos mais belos e perfeitos contos de Machado de Assis.

Ambientado no Rio de Janeiro, no ano de 1875, tem Pestana como personagem protagonista: um homem famoso por ser compositor de polcas. Goza da fama e do prestígio que o público lhe atribui, uma vez que a polca era um ritmo muito popular na época. No entanto, odeia suas músicas e sonha em criar uma peça clássica como uma missa, em réquiem ou uma sonata.

Passa as noites contemplando as figuras de Mozart e Beethoven, esperando a inspiração na tentativa de criar uma peça mais complexa; mas, quando começa a tocar, para seu desespero, compõe mais uma polca que, em seguida, transforma-se em grande sucesso.

Neste conto, nos deparamos com uma das problemáticas constantes no universo machadiano: o ideal de perfeição. Na obra do autor de Dom Casmurro são comuns as personagens que, inconformadas com sua condição social, tentam ascender a qualquer preço.

No caso de Pestana, sua fama e seu prestígio não lhe garantem uma vida feliz, pois seu ideal de perfeição é ser um autor consagrado num gênero musical considerado nobre.

A diferença entre o "ser" e o "querer ser" levam Pestana a vivenciar situações de desequilíbrio; pois, para continuar tendo o respeito e a admiração de todos, é, constantemente, forçado a aniquilar seu verdadeiro eu, seu ideal de perfeição. Cria-se, então, um abismo entre o real e o ideal - intransponível para o personagem.

Nesse mundo de aparências e de desidealizações, tornam-se muito tênues as dicotomias *bem x mal, certo x errado, justo x injusto*. Se o ser humano é obrigado a não realizar os seus sonhos e a aniquilar seu verdadeiro eu, o que mais lhe resta? Que valor têm os padrões éticos e morais?

Cria-se, então, o sentimento do absurdo e da impossibilidade, constante numa sociedade que vive o pleno desenvolvimento do capitalismo.

Machado de Assis foi muito mais do que um grande escritor; tentou compreender o ser humano e interpretar seus sentimentos e reações.

Em "Um Homem Célebre" somos convidados a mergulhar neste universo. Aproveite a oportunidade para questionar-se e descobrir qual a distância entre **o que você é** e aquilo que **você sonha ser**.

O ESPELHO

Este conto pertence ao livro *Papéis Avulsos*. Tem como subtítulo a expressão "esboço de uma nova teoria da alma humana".

Em O Espelho, conto escrito em 3a. pessoa, há o relato teórico que resolve a essência humana através da investigação metafísica, antecipada no subtítulo. Jacobina - personagem central do conto - toma a palavra e em 1a.pessoa revela como descobriu sua verdadeira essência, isto é, como reconheceu sua própria identidade ao vestir uma

farda de alferes. O relato é feito a partir da imagem de duas metades de uma mesma laranja que constituem, em última instância, as duas almas humanas - a anterior e a exterior.

“O Espelho” é a matriz de uma certeza machadiana que poderia formular-se assim: só há consistência no desempenho do papel social; aquém da cena pública, a alma humana é dúbia e veleitória, ou seja, os tipos sociais (marido, comerciante, político, etc.) teriam um comportamento previsível, o que não ocorre individualmente com as pessoas.

Ora, se o lado íntimo do comportamento não oferece congruência, a sua descrição torna-se um problema. O narrador já não conta com o sólido lastro de tipos, porque MA não se fixa em tipos, mas em personagens individualizadas, ambíguas, de construção literária problemática.

A experiência radical vivida em “O Espelho” só permite a fixação segura da máscara, da farda vitoriosa, do papel que absorveu perfeitamente o homem; isto é, o tipo, onde o homem é um ator social. A outra face, a que se partira e se esfumara diante do vidro, permanece uma interrogação: a face individual, problemática, que coexiste e se opõe à máscara da vida social. É o corpo opaco do medo, da vaidade, do ciúme, da inveja; numa palavra, o enigma do desejo que recusa mostrar-se nu ao olhar do outro: o desejo individual se esconde quando as personagens se limitam a desempenhar seus comportamentos sociais.

Quanto ao **foco narrativo**, embora o conto (a partir do momento da narrativa de Jacobina) tenha a narração em 1ª. pessoa, há a presença do narrador onisciente (em 3ª. pessoa) pois, ao invés de revelar tudo com exatidão, há expressões, no texto, ditas pelo próprio narrador que denotam dúvida ou hesitação.

Quanto ao **tempo**, é cronológico, mas fundamenta, com arte, como se processa no indivíduo a ocorrência e a sensação de tempo psicológico. Exemplos de tempo cronológico: a conversa dos cavalheiros, a interferência de Jacobina e o desfecho. E as recordações de Jacobina como exemplo de tempo psicológico.

Quanto ao **espaço**, o autor, na construção de seus contos, age como se fosse um cenógrafo moderno, que apenas sugere o cenário com poucos elementos somente aqueles indispensáveis para a ação, para que o espectador possa imaginar o local físico em que ela acontece.

“O Espelho” menciona uma sala pequena onde homens conversam e nada mais, Não ficamos sabendo se é um clube ou parte de uma casa de um dos participantes da conversa. Depois, Jacobina diz que foi levado para um sítio de sua tia e somos informados de que o sítio é “escuro e solitário”, informação útil e necessária, pois a solidão é que vai permitir a descoberta da alma externa pela personagem.

E quanto ao **enredo**, alma exterior, ou a que olha de fora para dentro, é, na aguda percepção de Machado de Assis, uma casca ou couraça que as pessoas criam para sobreviver na luta social. Só que algumas se prendem a elas de tal forma que eliminam sua alma interior, seu verdadeiro “eu”. É o que acontece com o narrador, Jacobina, que não se encontra refletido no espelho, pois está vazio. Ele se tornou apenas uma farda e quando não encontra ninguém que a veja, quando não a veste, descobre-se um nada, um vazio completo.

CANTIGA DE ESPONSAIS

“Cantiga de Esponsais” narrado em 3ª pessoa, conta-nos a história de mestre Romão, músico conhecido no RJ, nos idos de 1813. Seu comportamento, normalmente circunspecto e triste, transformava-se ao reger. Diante da orquestra, mestre Romão experimentava intensa alegria e satisfação.

Durante toda a sua vida, o maestro acalentou o sonho de ser um grande compositor, contudo faltava-lhe inspiração, apesar de ser exímio executador de peças alheias. Logo que casou, aliás, mestre Romão começou a composição de uma peça – uma cantiga de esponsais (=cantiga pela celebração do casamento ou promessa recíproca de casamento, noivado) – a qual, mesmo após a morte precoce da esposa, permaneceu inacabada.

Depois de uma apresentação na Igreja do Carmo, mestre Romão foi para casa, sentindo-se adoentado. Pediu ao pai José, um preto velho com quem morava, que lhe buscasse remédios. De qualquer forma, mestre Romão pressentia que sua vida estava no fim.

Isso fez com que ele retomasse sua antiga peça, numa última tentativa de concluí-la. Pediu que colocassem o cravo (=instrumento de cordas e teclado, predecessor do piano) na sala do fundo por ser mais arejada. Dali, ele podia ver um jovem casal no parapeito da janela de uma casa próxima.

Sentou-se ao cravo e tentou repetidas vezes continuar a peça. Seus esforços, porém, foram inúteis. Desesperado, rasgou a partitura. Nesse momento, ele ouviu a moça que, feliz na companhia do marido, entoava uma música jamais ouvida, inédita, “justamente a que o mestre Romão procurava durante anos sem achar nunca.”

Morreu decepcionado nessa mesma noite.

O personagem desperta piedade no leitor e, neste contexto, é fundamental em sua obra a questão do *humor irônico*, do *pessimismo* e do *ceticismo* como posturas filosóficas frente à hipocrisia, à mediocridade e aos falsos valores do mundo burguês que, desmascarados, levam o autor à descrença no homem e na sociedade.

Em geral, seus contos são uma versão em miniatura do seu modo de interpretar a sociedade.

São relatos sofridos, pesados, que recriam a vida real, principalmente, o ambiente carioca do final do séc. XIX.

Além da perfeição do estilo e linguagem, possui arte de abrir, desenvolver e encerrar suas histórias cheias de surpresas. Uma das características mais marcantes de Machado de Assis é a capacidade de fazer de cada personagem, desenhado em situações comuns por meio de uma linguagem aparentemente simples, uma ilustração de toda a complexidade da alma humana. A suposta

complexidade das histórias de Machado de Assis pode ser amenizada se o leitor começar a ler os contos atento apenas ao enredo. Sabemos que Machado de Assis às vezes termina uma história com finais surpreendentes ou humorísticos. Esses finais têm quase sempre um fundo moral.

No conto "Cantiga de esponsais", narrado em 3ª pessoa, o personagem central Mestre Romão, apesar de bom conhecedor de música, era incapaz de compor alguma peça, por menor que fosse. Ele sentia o impulso interior mas não conseguia exprimi-lo em linguagem musical e, porque era impotente para a criação artística, só conseguia reproduzir as criações de outros. Esse conto se constrói basicamente sobre uma carência radical do personagem: criar sua própria música.

O personagem desperta piedade no leitor e, neste contexto, é fundamental em sua obra a questão do *humor irônico*, do *pessimismo* e do *ceticismo* como posturas filosóficas frente à hipocrisia, à mediocridade e aos falsos valores do mundo burguês que, desmascarados, levam o autor à descrença no homem e na sociedade.

"Cantiga de esponsais" pode ser considerado um conto de caracteres, como "O espelho", "Um homem célebre" e "Teoria do Medalhão": revelam personagens atormentados por obsessões e cujo comportamento é determinado por certas idéias fixas.

Pai Contra Mãe

O conto pertence ao livro Relíquias de Casa Velha. Um dos melhores textos de Machado de Assis, Pai contra mãe é um duro relato sobre os tempos da escravidão. No início, o narrador, em terceira pessoa, tece alguns comentários acerca da instituição escravocrata. "A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos": os aparelhos citados eram o ferro ao pescoço, o ferro ao pé e a máscara de folha-de-flandres, que tapava a boca dos escravos. Diz o narrador: "Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança

Sem o grotesco, e alguma vez o cruel". Veja-se a terrível sentença, carregada de mordaz ironia: o que se há de fazer, se para manter a ordem tem que se apelar para o grotesco e o cruel? Já os ofícios, além dos funileiros que fabricavam as máscaras, havia entre eles o de caçador de escravos. Diz o texto, novamente com pesada ironia, que havia muitos escravos e muitos fugiam com freqüência: "nem todos gostavam de escravidão" (...) "e nem todos gostavam de apanhar pancada". Daí, fugiam. E como houvesse desempregados, e as recompensas para quem capturasse o escravo fugido eram, algumas vezes, aliás, era natural que surgisse a tal profissão. O personagem principal do conto – Cândido Neves, ou Candinho – tinha este ofício. O narrador conta que Candinho jamais conseguiu emprego fixo. Saía de um para outro e deste para nenhum. Conheceu Clara, que morava com a tia, Mônica, namorou e casou com ela, embora os amigos da moça desaconselhassem o casamento, em virtude da instabilidade – e a precariedade – econômica do futuro marido. Mas, casaram e foram os três, Cândido, Clara e a tia morar de aluguel, numa "casa pobre". Falavam em ter um filho, idéia imediatamente rechaçada pela tia, dada a condição econômica da família. Todavia, Clara ficou grávida. A tia entrou em pânico: "Vocês verão a triste

vida". A esta altura, depois de pular de emprego em emprego, Candinho vivia de caçar escravos. Um dia ganhava um bom dinheiro, uma semana não ganhava um centavo. Havia dificuldades, mas não faltava comida. Ocorre que aumentara o desemprego, o que fez crescer o número de caçadores a disputar os escravos fugidos. Caiu drasticamente a renda de Candinho. Já escasseava o dinheiro para a comida. Às vésperas do nascimento, o dono da casa exigia o aluguel atrasado. Não tendo sido pago, a família é despejada da casa. Vão morar de favor com uma conhecida da tia. A situação fica dramática. Tia Mônica só vê uma saída: entregar a criança na "Roda dos enjeitados" (espécie de orfanato, onde eram entregues as crianças rejeitadas – por vários motivos, inclusive o financeiro, pelos pais). Candinho recusou a proposta de maneira veemente. Mas a situação ficou insustentável. Candinho decidiu entregar o menino. Saiu, numa noite, com a criança no colo, beijando-a e acariciando-a, na direção da "Roda dos enjeitados". Retardou o passo, aumentou o caminho e, numa rua, avistou uma mulata que coincidia, fisicamente, com a descrição de Arminda, uma escrava fugida, por quem ofereciam cem mil-réis pela captura. Largou o menino numa farmácia, dizendo que logo voltaria, e saiu atrás da escrava. Conseguiu apanhá-la, mas a mulher se debatia e implorava que a soltasse. O diálogo é dramático: "Estou grávida, meu senhor! (...) Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe pelo amor dele que me solte". Alega, também, que o seu dono é mau, sendo certo que irá açoitá-la. Impassível, Candinho leva a escrava até a casa do dono. Arminda, que se debatia o tempo todo, caiu no corredor da casa e abortou. Cândido Neves apanhou o dinheiro, pegou o filho na farmácia e voltou para casa emprestada. Tia Mônica perdoou a volta do menino, já que retornava com os cem mil réis, e falou mal da escrava. Trecho final do conto: "Cândido Neves, beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga da escrava e não se lhe dava o aborto. –Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração".

O final dramático, o descaso de Candinho e de todos para com o aborto de Arminda, a denúncia vigorosa do sistema escravista e a linguagem cruelmente irônica são características deste conto, representativo dos melhores momentos de Machado de Assis.